

EVASÃO ESCOLAR OU SELEÇÃO SOCIAL DO SISTEMA EDUCATIVO?

SILVA, Berenice M^a Dalla Costa da¹
PEDRO, Vanize Dalla Costa²
JESUS, Eliane Maria de³
SANTOS, Marivania dos⁴

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido com o objetivo de analisar quais os fatores que tem contribuído para a evasão escolar dos alunos do Ensino Médio noturno. A pesquisa qualitativa teve como instrumento de coleta de dados a entrevista com uma amostra de dez alunos, um coordenador pedagógico e o diretor de uma escola estadual do município de Juara/MT. Os roteiros de entrevistas semi estruturados permitiram analisar qual a relação entre a evasão escolar e a realidade de vida do aluno, bem como os motivos que levaram os alunos a evadirem da escola. O resultado deste estudo mostrou que o atual modelo de “escola para todos” precisa passar por mudanças no intuito de reduzir o alto índice de desistência, principalmente no turno da noite, que nesta escola é superior a 50%, e ser um espaço de ampliação de conhecimentos, interação social e qualificação profissional. A escola deverá planejar novas estratégias de combate à evasão. Uma sugestão que talvez possa contribuir para a redução do alto índice de evasão nesta escola seria uma maior aproximação entre educadores e educandos, por meio de um diálogo franco, aberto e solidário. Isso porque, dentre os fatores de abandono aos estudos elencados pelos estudantes estão: a não valorização pela escola do universo cultural do aluno através do uso de uma linguagem diferenciada, os elementos afetivos na relação professor/aluno e a defasagem de aprendizagem trazida das séries anteriores.

Palavras-Chave: Evasão. Seleção Social. Ensino Médio Noturno

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Pedagogia (UNEMAT-2010); Graduada em Administração (UNEMAT/EAD-2014); Especialista em Educação e Diversidade (UNEMAT-2012); Especialista em Psicopedagogia (AJES-2011); Professora Efetiva na Educação Infantil (Juara/MT); Professora Interina (UNEMAT-Campus de Juara).

² Graduada em Pedagogia (UNEMAT-2015); TDI (Técnica de Desenvolvimento Infantil) efetiva (Juara/MT)

³ Graduada em Pedagogia (Universidade de Goiás, Campus de Uruaçu, 2011); Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental (Universidade Federal de Goiás, Cepae, 2013).

⁴ Graduada em Pedagogia (UNEMAT-2016). TDI (Técnica de Desenvolvimento Infantil) efetiva (Juara/MT)

Nos últimos anos, uma das funções da escola tem sido contribuir para a formação de cidadãos críticos e atuantes. Sabe-se que essa não é uma tarefa simples e exige da escola um envolvimento que perpassa pelas estratégias de ensino, concepções e métodos com que cada disciplina é abordada.

Atualmente ocorre a nível mundial uma revolução tecnológica nos processos de produção, o que exige dos trabalhadores cada vez mais formação profissional. Por isso, a educação tornou-se uma condição estratégica essencial para a formação do cidadão. Hoje o desenvolvimento tecnológico exige uma qualificação da força trabalhadora cada vez maior e com competência.

Nesse contexto, em que se procura formar profissionais qualificados, forma-se também a pessoa humana, capaz de dominar códigos e conhecimentos universais, para diante destes pré-requisitos tomar decisões, reivindicar direitos e respeitar o próximo. Enfim, fazer opções perante as alternativas que se apresentam à sua frente, tendo objetivos que o conduzam.

Para que haja uma ampliação da visão de mundo, desenvolva-se a cultura e a dilatação das perspectivas de atuação político-social, econômica e cultural é necessário que todos os indivíduos saibam o que é ser cidadão e tenham oportunidades iguais. Porém, é na escola que tudo isso se processa, de forma competente ou não.

Em nosso país, grande número de seres humanos não conhece os seus direitos, portanto, não os reivindicam. A pouca instrução ou a falta dela é um grave problema para a sociedade. Todos os que não concluem seus estudos e não conseguem uma formação profissional, permanecem em segundo plano, excluídos, por não possuírem uma qualificação profissional.

Um dos graves problemas da educação pública brasileira refere-se à evasão escolar. O tema exige muita reflexão e discussão e, aguarda alternativas de solução em âmbito nacional. A superação desta realidade exige da escola e dos profissionais que nela atua posicionamentos teóricos e metodológicos voltados para um trabalho dinâmico, interativo e na medida do possível, contextualizado.

Quando o assunto é Educação, a legislação brasileira determina a responsabilidade do Estado em orientar a criança em seu caminho sócio-educacional. Apesar de haver um consenso sobre a prioridade e responsabilidade com que os governantes devam tratar a educação, infelizmente os artigos da

Legislação Brasileira que se referem a esta obrigação não vem sendo muito observados e a evasão ainda é preocupante.

Em levantamento feito mais recentemente sobre este tema, por Lahoz (2000) foi observado que de cada 100 crianças que iniciaram os estudos em 1985, só 66 chegariam à oitava série. Decorrente destes dados e outros levantados sobre este assunto, educadores estão, cada vez mais se preocupando com as crianças que chegam à escola, mas, que nela não permanecem. Essa realidade faz com que muitos jovens e adultos procurem a modalidade da EJA para concluir os estudos, muitas vezes iniciados na infância.

No entanto, Freire afirma que é na EJA que o sujeito sofre a segunda expulsão, pois essa caminhada exige procedimentos educativos especiais que na maioria das vezes, por uma série de fatores de ordem formativa, política e administrativa, não são considerados “e o importante, porém, é que na nova caminhada se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas (FREIRE, 2005, p. 31), o que infelizmente ainda não acontece.

Assim, se pode observar que a evasão escolar não é uma realidade apenas nas séries iniciais, mas que se arrasta durante todo o período escolar e agrava-se nos anos finais do Ensino Fundamental. Em leituras feitas sobre o referido tema, constatamos que são apontados como alguns dos motivos causadores da evasão escolar, a avaliação, a repetência e a dificuldade que os jovens do período noturno encontram para entender os conteúdos. Por isso, segundo os PCNs, “a repetência deve ser um recurso extremo; que deve ser estudado caso a caso, no momento que mais se adequar a cada aluno, para que esteja de fato a serviço da escolaridade com sucesso” (PCN, 2001, p. 90).

O Ensino Médio é compreendido como fase “preparatória”, ao tão almejado Ensino Superior. Normalmente a idade em que se encontram esses jovens que cursam o Ensino Médio varia entre 14 e 17 anos; fase de muitas mudanças e um período que marca a passagem da vida infantil para a vida adulta. Somando-se ainda a estes fatores, o fato de a maioria dos jovens precisarem trabalhar durante o dia para ajudar nas despesas da família, necessitando cursar o Ensino Médio à noite para não interromper os estudos.

Na tentativa de superação deste problema Antunes afirma que “cabe essencialmente ao professor as estratégias de ‘sedução dos alunos’ para a causa da aprendizagem e a superação do imenso abismo entre a escola e a vida, entre o currículo de saberes escolares e os saberes do cotidiano” (2004, p. 96). O mesmo autor afirma que para o aluno é importante que os conteúdos tenham um objetivo na sua vida real, no seu mundo. Só então, compreenderá melhor e passará a avaliar essas atividades com maior significado, as quais se tornarão compensadoras para ele, pois o conhecimento só se dará quando este fizer diferença na sua vida pessoal.

Embora as leituras realizadas sobre o tema em questão, tenham apresentado algumas das possíveis causas da evasão escolar, acreditamos que a relevância desta pesquisa está no sentido de que possa trazer algumas reflexões a esta comunidade escolar. Reflexões que poderão ajudar no redimensionamento das ações educativas da referida escola.

Segundo obras pesquisadas, a falta de interesse pela escola é apontada como sendo um dos principais motivos que leva o jovem brasileiro a evadir. Essa realidade não é diferente em nosso Município, pois esta pesquisa mostrou que muitos desses jovens estão fora da escola, não porque são de comunidades pobres e precisam trabalhar, mas, porque já não tem interesse pela educação, à escola não é atrativa para eles. Outros que permanecem na escola não possuem bom rendimento pelo mesmo motivo, sendo meros freqüentadores das aulas, isso independente de sua classe social.

Educando a criança, forma-se o cidadão. É necessário, portanto, garantir a todos o acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção de sua cidadania. Para que isso aconteça, o ensino deve estar adequado à realidade dos educandos. É necessário que se respeite as individualidades, dentro de um trabalho que desenvolva o espírito de coletividade, pois como afirma Antunes, “o verdadeiro desenvolvimento do ser humano centra-se na individualidade de sua expressão e de sua criatividade” (2004, p. 97-98). Desse modo, não existem fórmulas prontas para as escolas adotarem, pois as realidades regionais e locais são diferentes, e, portanto, cada uma deve buscar qual o melhor caminho a seguir para desenvolver o seu trabalho de maneira eficiente.

Freire afirma que “a educação das crianças, dos jovens e dos adultos tem uma importância muito grande na formação do homem novo e da mulher nova” (2005, p. 86). Entretanto, quando ocorre a evasão escolar, tem-se a falta de

educação, que provoca a falta de noção de cidadania, o que resulta em desemprego, em baixos salários, violência, enfim, no desrespeito aos direitos primordiais de cada ser humano.

Segundo a Introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais, (MEC, 2001, p. 22): “Estudos indicam que a repetência constitui um dos problemas do quadro educacional do país, uma vez que os alunos passam em média cinco anos na escola antes de evadirem ou levam cerca de onze anos para concluírem as oito séries da escolaridade obrigatória”.

A discussão em torno do assunto evasão escolar costuma indagar sobre o papel, tanto da família quanto da escola em relação à vida escolar da criança e aponta aspectos sociais e econômicos responsáveis em parte, pela evasão escolar, como por exemplo, a desestruturação familiar, as políticas do governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e o próprio jovem.

De maneira geral, o fracasso escolar é sempre atribuído à família, as desigualdades sociais e econômicas, a escola e também ao professor.

A respeito deste assunto, Ferreiro & Teberosky (1999, p. 19-20) afirmam que:

[...] O absentéismo, a repetência e, finalmente, a deserção são os fatores que provocam, sempre segundo a versão oficial, a subinstrução e o analfabetismo na maioria da população da América Latina. Caberia, no entanto, perguntar-se: qual a causa que transforma um indivíduo em repetente, em seguida num desertor, terminando por ser um subinstruído para o resto de sua vida? Seria, por acaso, sua incapacidade de aprender o que determina o fracasso? Trata-se, talvez, de um sujeito responsável pelo próprio abandono que, algum dia, poderá reintegrar-se ao sistema para diminuir suas falências educativas? (...) Em outras palavras, trata-se mais de um problema de dimensões sociais do que da consequência de vontades individuais. Por esta razão, acreditamos que, em lugar de “males endêmicos”, deveria se falar em seleção social do sistema educativo; em lugar de se chamar “deserção” ao abandono da escola, teríamos de chamá-lo de expulsão encoberta [...].

Ferreiro & Teberosky chamam atenção para os problemas sociais que as políticas públicas se negam a enxergar e que veladamente fazem uma “seleção social”. Uma realidade cada vez mais presente nas instituições públicas é a de que o aluno ainda não desistiu da escola, mas a escola já desistiu dele. Infelizmente, o evadido é visto não como uma vítima do sistema, mas como alguém que traz em si a culpa de seu próprio fracasso. A escola parece ser estruturada para o fracasso, nela os alunos não aprendem a descobrir a sua identidade e a construir a sua autonomia. Assim, o aluno que evade ou é reprovado, tende a perder o interesse pela escola e

até mesmo pelo ato de aprender, bem como a sofrer decréscimo na sua auto-estima.

Assim vê-se que após o término do Ensino Fundamental ou quando o aluno atinge a idade de 15 anos, o que geralmente acontece é que a maioria destes estudantes precisa trabalhar para ajudar no sustento da família. No entanto, a Educação Básica ainda não está concluída e o Ensino Médio acaba sendo cursado no período noturno, por estes jovens trabalhadores. A partir daí, surge a dificuldade em conciliar o trabalho e os estudos, quando muitos desistem da escola, apenas com o conhecimento da Educação Básica.

No entanto, a realidade do desemprego e as rápidas mudanças no mundo do trabalho afligem a sociedade brasileira, que têm um grande contingente de indivíduos que mesmo com alguma escolarização, não estão preparados para compreender o mundo em que vivem e nele atuarem de maneira crítica, responsável e transformadora, e, especialmente, para serem absorvidas por um mercado de trabalho seletivo e cada vez mais exigente.

Entretanto, nos tempos modernos, esse exercício de cidadania deverá reconhecer as diferenças, as singularidades e as especificidades das pessoas. É necessário que predomine o pluralismo, o respeito e convívio civilizado nas relações diárias e contínuas entre os diferentes habitantes das sociedades.

Para que esse exercício da cidadania – tão essencial na vida de todas as pessoas – aconteça realmente, para que o indivíduo, o cidadão brasileiro possa se organizar, defender e exigir seus direitos é incontestável a importância da sua instrução, de sua educação, do seu acesso e permanência na escola. Para que assim possa respeitar as diferenças, cumprir seus deveres e obrigações e exigir seus direitos.

Todavia, segundo dados disponibilizados pelo IBGE 2010, ainda é alto o percentual de pessoas sem escolarização no Brasil. Ainda hoje, muitas pessoas vão para a escola, mas nela permanecem pouco tempo e não conseguem concluir sequer o Ensino Fundamental. Diante desta realidade, com o objetivo de analisar quais os fatores que tem contribuído para com a evasão escolar dos alunos do Ensino Médio noturno de uma Escola Pública de Juara, procuramos conhecer a relação entre a evasão escolar e a realidade de vida do aluno; identificar os motivos que levaram os alunos a evadirem da escola e verificar se a instituição desenvolve projetos voltados a promover a permanência do aluno na escola.

Para isto desenvolvemos uma pesquisa qualitativa que se valeu de entrevistas com uma amostra de dez alunos que desistiram várias vezes e que estavam novamente tentando concluir o Ensino Médio, um coordenador pedagógico e o diretor da instituição escolar. Os roteiros de entrevistas semi estruturados permitiram analisar qual a relação entre a evasão escolar e a realidade de vida do aluno, bem como os motivos que levaram os alunos a evadirem da escola.

A evasão e a repetência revelam, em abundância, que nossas escolas estão organizadas para atender as camadas médio-altas da pirâmide social, com total desconsideração para os grupos majoritários da sociedade.

Esse conjunto de situações faz com que o aluno deixe de acreditar que a escola proporcionará a ele um futuro melhor, visto que a educação que ele recebe no presente é precária em relação ao conteúdo, a formação de valores, ao preparo para o mundo do trabalho. Neste sentido, "o grande desafio da escola pública está em garantir um padrão de qualidade (para todos) e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local" (GADOTTI, 2003, p. 55).

Em outras palavras, como não há garantias de que está aprendendo algo realmente útil, que lhe assegure possibilidades de uma vida melhor, o aluno acaba saindo da escola, como foi constatado neste processo de investigação, em que muitos alunos afirmaram não se sentirem motivados a continuar estudando, pois este fato não apresenta nenhuma perspectiva de mudança em suas vidas.

A importância da apropriação dos conhecimentos escolares na vida das pessoas

Encontramos no 3.º ano do Ensino Médio os "sobreviventes" dessa longa caminhada, ainda com algumas desistências. Essa falta de interesse, provavelmente, também é determinada por outros fatores como citamos no início do texto.

Segundo Carvalho,

O trabalhador-estudante não tem ilusão alguma quanto ao que vai aprender na escola. Sabe que precisa passar por ela, como pré-requisito para conseguir ocupações regulares e estáveis, já que no trabalho exigem o estudo para entrar, mas lá dentro não precisa (1985, p. 95).

A permanência dos alunos nas escolas depende de uma série de fatores que se relacionam à escola como um todo, às condições de vida de cada aluno, as condições de trabalho dadas aos professores, bem como sua formação, dentre muitos outros.

Constatamos que no primeiro ano, o número de alunos reprovados foi de quase 50% em relação ao número de alunos que foram aprovados. Enquanto que o número de desistentes foi quase três vezes maior que o número de alunos aprovados. Será que estes alunos, diante da perspectiva de reprovação foram embora da escola?

Segundo Libâneo em relação do processo educacional

é necessária uma reflexão de conjunto para uma compreensão mais correta dos problemas da escola pública. Há um conjunto de causas externas e internas à escola que, bem compreendidas, permitirão avaliar mais claramente as possibilidades do trabalho docente na efetiva escolarização das crianças e jovens. (...) Pois a escolarização necessária é aquela capaz de proporcionar a todos os alunos, em igualdade de condições, o domínio dos conhecimentos sistematizados e o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais requeridos para a continuidade dos estudos, série a série, e para as tarefas sociais e profissionais, entre as quais se destacam as lutas pela democratização da sociedade (1994, p.34).

Diante dessa realidade, a falta de orientação, motivação e de sentido atribuído à aprendizagem, aliado aos poucos incentivos para seguir alguma carreira profissional, foram alguns dos fatores alegados pelos estudantes para justificar o abandono aos estudos..

Entretanto, também identificamos na fala dos alunos razões sociais, ou seja, problemas fora da escola, dificuldades de adaptação geral, como trabalhar de dia e estudar a noite, desajustes familiares, a distância entre a residência, local de trabalho e a escola, como sendo alguns dos motivos que os levaram a decidir interromper os estudos em algumas das vezes.

Sabemos que o ato educativo está presente em cada um dos indivíduos, e é caracterizado pelos fatores históricos, culturais, econômicos e políticos de grupos sociais que muitas vezes, divergem ou afirmam dos mesmos ideais. De forma que,

[...] a educação, antes de ser um processo de formação cultural, é um fenômeno social; portanto, a cultura e o indivíduo são determinados por condições sociais e políticas caracterizadas pela existência de classes sociais antagônicas, com diferentes concepções de mundo,

diferentes comportamentos sociais, valores e interesses (LIBÂNEO, 1984, p. 68).

Alguns estudantes em suas entrevistas, disseram sentir que a escola tem em vista um aluno “idealizado” e não um aluno concreto, com sua realidade, suas dificuldades e problemas pessoais; e que quando não se enquadram no primeiro modelo são “marcados” pelo professor.

A prática da avaliação nas escolas, da forma como vem sendo usada, também foi criticada por ter sua função confundida com controle e classificação ao invés de acompanhamento do processo de construção de conceitos. Alguns professores não têm conseguido ver na avaliação sua função educativa e formativa.

Libâneo (1994) afirma que “têm-se verificado na prática escolar alguns equívocos em relação aos objetivos, funções e o papel da avaliação na melhoria das atividades escolares”. Para este autor, os piores equívocos cometidos pelas escolas são:

Tomar a avaliação unicamente como ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos (...) utilizando esta como recompensa aos “bons” alunos e punição para os desinteressados ou indisciplinados. O professor que por confiar demais em seu “olho clínico” dispensa verificações parciais no decorrer das aulas causa grande prejuízo aos alunos, uma vez que o seu destino costuma ser traçado logo nos primeiros meses do ano letivo, quando o professor estabelece quem passa e quem não passa de ano. Os condenados a repetência são isolados no canto da sala e, não raro, abandonam a escola (LIBÂNEO, 1994, p. 198-199).

Observamos então, que a avaliação não está sendo usada de forma a contribuir para uma real melhoria da aprendizagem; formando o indivíduo crítico capaz de exercer sua própria cidadania e assim resolver os conflitos encontrados no dia-a-dia. Da forma como tem sido utilizada, a avaliação tem se caracterizado como punitiva, controladora e excludente, tomando rumos desastrosos nas escolas, promovendo ainda mais a evasão.

Segundo o Diretor desta escola, todas as escolas têm dentro da proposta pedagógica como deveria realizar suas intervenções pedagógicas com orientações relacionadas aos conteúdos e aos alunos. Informou que antes do início das aulas são feitas reuniões com a equipe pedagógica em que são planejadas estratégias e propostas diferenciadas de ensino, no sentido de melhorar a aplicação das matérias exigidas no currículo. A escola programa atividades lúdicas ou comemorativas para

serem realizadas durante o ano letivo, desta forma, explicou o diretor, a instituição tenta conciliar o bem-estar do aluno com a escola, para que este se sinta bem neste ambiente e não venha a evadir-se.

Ainda segundo o Diretor, a escola busca junto à Coordenadoria de Gestão de Cuiabá, ou no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO), algumas experiências bem sucedidas de outras instituições, que venham colaborar positivamente no melhoramento do ambiente escolar.

Entendemos então, que se uma instituição tem por objetivo melhorar cada vez mais a qualidade do ensino nela oferecido, precisa começar por querer obter maiores e melhores níveis de aproveitamento escolar de seus alunos. Para tal, deve iniciar por combater os índices de reprovação e evasão escolar. Temos consciência que dificilmente uma escola pode acabar completamente com esses problemas, pois as causas que os motivam são diversas e muitas delas oriundas do próprio meio de onde provém o aluno. Mas, é certo que muita coisa pode ser feita no âmbito da própria instituição para reduzir o preocupante índice de evasão no período noturno, como por exemplo, adequação dos métodos e estratégias de ensino à realidade dos discentes, valorização humana, respeito, compromisso e uma melhor aplicação dos recursos, financeiros e materiais nela disponíveis.

Fazer uma boa escola, uma escola que não expulse o jovem, uma escola atrativa e adaptada à cultura onde ela está inserida, mesmo dentro das condições mais adversas é dever de todos. Precisamos fazer uma escola excelente para que os jovens dominem o saber, e se libertem. “Trata-se, portanto, de construir uma escola pública universal – igual para todos, unificada – mas que respeite as diferenças locais, regionais, enfim, a multiculturalidade, idéia tão cara e fundamental da teoria da educação popular” (GODOTTI, 2003, p. 55).

Esta é uma tarefa coletiva, de gestores, professores, comunidade externa, todos unidos, provocando mudanças nos organismos que definem e que decidem nossa política educacional. Educação é coisa séria e precisa ser encarada como tal. Recursos públicos é o suor de milhões de brasileiro trabalhadores, contribuintes, que dentre eles somam grande percentual de pessoas sem escolarização que estão à margem do sistema, mesmo com toda a riqueza e desenvolvimento científico e tecnológico que ajudam a construir.

CONSIDERAÇÕES

O resultado desta investigação, infelizmente confirma as suposições em relação à evasão escolar. Um conjunto de situações está fazendo com que o aluno deixe de acreditar que a escola proporcionará a ele um futuro melhor, visto que a educação que eles estão recebendo no presente é precária em relação ao conteúdo, principalmente no preparo para o mundo do trabalho. Em outras palavras, como não há garantias de que estão aprendendo algo realmente que faça ou possa vir a fazer sentido, com possibilidades de melhores oportunidades de vida e de trabalho, estes jovens abandonam a escola. Diante das incertezas e das dificuldades que enfrentam para se manter na escola, estes alunos acabam saindo da escola. Muitos estudantes afirmaram não terem nenhuma motivação para estudar, pois a escola que está aí, não os atrai.

Foi possível observar de forma direta que o atual modelo de “escola para todos” precisa passar por mudanças no intuito de reduzir o alto índice de desistência, principalmente no turno da noite, e ser um espaço de ampliação de conhecimentos, interação social e qualificação profissional. A escola deverá planejar novas estratégias de combate à evasão.

Numa visão sociológica do problema a evasão escolar é um desdobramento da repetência. É um problema essencialmente da escola até que os educadores descubram o jeito de pensar, de fazer uma escola que estimule o aluno a compreender a realidade do mundo. Assim, conclui-se que o “fracasso escolar” está longe de ser superado e que as alternativas de trabalho e o sistema de ensino como se tem apresentado, pouco contribui para o sucesso do aluno e a democratização do ensino público.

Assim, há a necessidade de os gestores locais e a sociedade civil organizada, não desistirem de lutar e de cobrar, junto aos nossos governantes, opções de carreira profissional para a população, em que a efetivação de políticas públicas de acesso e de permanência dos alunos nas escolas, se faz urgente e indispensável para o desenvolvimento do Vale do Arinos.

Que nossos jovens consigam visualizar a necessidade da constante busca do desenvolvimento pessoal, pois um melhor conhecimento de si mesmo e uma melhor

capacidade autocrítica levam a uma melhor vida social, o que pode ser conseguido por meio da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Educação Infantil: Prioridade imprescindível**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (coord.). **Formação Continuada de Professores: uma releitura das áreas de conteúdo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Ensino Noturno: realidade e ilusão**. 3 ed. São Paulo, SP: Cortez Editora. Autores Associados, 1985.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, ANA. **Psicogêne da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1.999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 9 ed. São Paulo, SP: Cortêz, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época: v.24).

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).